*FRANCISCO AUGUSTO DA SILVA ROCHA* (1864-1957)

*O GAUDÍ PORTUGUÊS*

*UM ARQUITETO PARA A EUROPA*

Maria João Fernandes \*

**Francisco Augusto da Silva Rocha (1864-1957)** é autor do mais importante núcleo de arquitetura Arte Nova em Portugal. Quando passaram quase 70 anos sobre a sua morte e quando Aveiro por sua causa considerada “Capital da Arte Nova em Portugal” foi em 2024 *Capital Portuguesa da* Cultura sem que se tivesse dado o devido realce à sua obra, é da maior justiça o seu reconhecimento no plano nacional, com vista a uma merecida notoriedade internacional. Promovendo o estudo e a divulgação da sua obra, a dignificação da sua memória e a atribuição do seu nome ao *Museu de Arte Nova*, na origem de um abaixo-assinado nacional, antiga **Casa de Mário Pessoa**, do seu risco. Recente artigo meu publicado em 2023 na Revista **Terras de Antuã** (nº 17, ano 17),junta novas e irrefutáveis provas documentais e testemunhais da exclusiva autoria de Silva Rocha dessa obra prima, ex-libris da arquitetura Arte Nova portuguesa e um dos ex-libris da arquitetura Arte Nova europeia. Autoria já registada, como a do Palacete de Salreu no site dos **Monumentos do Instituto do Património Cultural IP**.

Do seu risco, entre muitos outros magníficos edifícios, que deram uma personalidade à cidade por sua causa reconhecida internacionalmente como uma das 10 capitais europeias da Arte Nova, conforme artigo publicado em Londres no Jornal *The Guardian* (29 de março de 2016), são o antigo **Hospital de Aveiro** (1900), o edifício da **Escola Industrial Fernando Caldeira** (1903) dirigida por Silva Rocha, ex-libris da cidade desde o século XV, hoje sede da *Assembleia Municipal*, a sua **residência** por si projetada na Rua do Carmo nº 12 (1904), a **casa** que foi **de Mário Pessoa** (1908), atual ***Museu de Arte Nova*** ou a **casa** onde viveu o **Dr. Lourenço Peixinho**, que foi sede da *Fundação Jacinto de Magalhães* eque destaca pelos magníficos interiores, desenho de Silva Rocha. E ainda o **Palacete de Salreu** (1914), classificado, tal com a **Casa de Mário Pessoa**, como **Imóvel de Interesse Público** e o **Balneário de Espinho** (1915).

**Francisco Augusto da Silva Rocha**, que se notabilizou igualmente como pintor, como arquiteto, é o criador de um padrão de beleza e totalidade que reflete simultaneamente a harmonia e a ordem da natureza, próprias de um modelo clássico, evocando o ideal da divina proporção, a regra de ouro praticada no Renascimento no **Hospital da Misericórdia de Aveiro** (1900) e na **Escola Industrial Fernando Caldeira** (1903) e a fugacidade e o esplendor das suas formas, características de um modelo barroco representado na **Casa de Mário Pessoa** (1908). Estes modelos revelam-se em períodos distintos da sua obra, autonomizando-se e dialogando de um modo absolutamente original. A gramática dos símbolos manifesta-se quer no agenciamento das formas e dos volumes dos seus edifícios, quer nos detalhes da sua linguagem ornamental, verdadeira assinatura, como o motivo das rosas em cruz presente no **Balneário de Espinho** (1915) e no **Palacete de Salreu** (1914).

Plenamente considerado uma das grandes personalidades do seu tempo pela elite intelectual de que fazia parte, foram seus amigos e admiradores o notável escritor e amigo de Tolstoi, **Jaime de Magalhães Lima**, o crítico **António Arroio**, o escultor **António Teixeira Lopes** com quem manteve larga correspondência, o arquiteto **Ernesto Korrodi** e o músico **Viana da Mota**, entre muitos outros dos seus ilustres contemporâneos que souberam reconhecer o seu mérito e a excelência do seu trabalho.

Retrataram-no grandes artistas de quem foi mestre como **Cândido da Cunha** ou **Lauro Corado** ou ainda o escultor **Sousa Caldas** que o representou em esplêndido medalhão em bronze. Pintor e ilustrador, arquiteto artista, como Corbusier e como ele sem específica formação, autodidata, foi igualmente o fundador do Ensino Industrial em Aveiro.

Silva Rocha distingue-se pela criação de um estilo incomparável, paradigma de uma expressão total que reúne o mental e o sensorial, o equilíbrio clássico e o dinamismo barroco dando forma, sob o signo da profunda harmonia com o Cosmos, a um novo padrão de beleza, que a rosa, emblema da sua obra, simboliza. Deve ser considerado entre os maiores arquitetos europeus do seu tempo, como o catalão Gaudí que se notabilizou por ter criado um estilo que foge a todas as regras e não aceita senão as da profunda originalidade que o norteia em sintonia com a estética sua contemporânea. Se é verdade que não há profetas na sua terra e apesar disso, compete a Aveiro receber e acarinhar esta herança extraordinária, fazendo-a frutificar e dignificando o seu autor e a sua obra.

O reconhecimento do valor do seu legado, passa hoje pela atribuição do seu nome ao **Museu de Arte Nova** de Aveiro de que é autor e também pelo retorno dos seus restos mortais e dos seus familiares ao Jazigo de Família de João Pedro Soares, no Cemitério Central de Aveiro, de onde foram retirados em 2015.

**\*Crítica de Arte, AICA, Associação Internacional de Críticos de Arte.**